

Garrett e Aillaud: encontros e desencontros

Manuela D. Domingos

Aillaud's: França, Portugal, França ... Brasil

João Pedro Aillaud, dos Altos Alpes, estabelece-se em Portugal, cerca de 1770 começando por trabalhar em Lisboa associado com João Baptista Reycend durante escassos dois anos¹, mudando-se depois para Coimbra, presumivelmente no fim de 1772, vindo a instalar-se e constituir família nesta cidade. Casou com uma portuguesa, Teresa Angélica, dali natural. Tiveram três filhos: Ana Vitória (1781), Maria Cecília (1783) e João Pedro (1785)², que foi também livreiro, em Paris, no século XIX (onde morreu nos meados deste século).

A actividade do livreiro de Coimbra está bem documentada, pelo menos até 1806, por inúmeros pedidos de importação de obras de diversas proveniências³. A loja, situada na Rua das Fangas – actual Fernandes Tomás – foi destruída por um incêndio, em 1821, supondo-se que, nessa altura, o dono já teria falecido⁴.

Outros dados, porém, levam-nos a factos diversos da sua vida coimbrã, trazendo-nos notícia de diversas viagens ao estrangeiro, nomeadamente a França, via Inglaterra, entre os anos 1814–1821, por motivos que explicitamente se desconhecem, mas presumem, dada a época de instabilidade que o país atravessava. Conhecemos uma viagem de Londres para Lisboa, pelo pedido de passaporte de 24 de Dezembro de 1814 nessa data para tal deslocação⁵. Dois anos depois, terá ido a Paris, como sabemos pelo passaporte de regresso: “2–Agosto–1816: Passaporte passado em Paris, onde chegou de Lisboa, pelo porto de Havre, “Comerciante da cidade de Coimbra” trazendo em sua companhia o seu caixeiro João Ferreira Leite e um criado, Manuel José”⁶. Outros pedidos de passaporte — de Paris para ir a Londres “levando em companhia a sua senhora”, em Abril de 1819⁷ e de 25 de Junho de 1821, de Paris para ir ao Havre “com a sua família”⁸ — podem fazer crer que daqui já embarcou para Portugal, dado ser o porto mais frequentado para essas ligações. Tudo isto “ao sabor” da vida política do país e à segurança dos estrangeiros (nomeadamente franceses)...

Quanto ao filho, João Pedro Aillaud (II), não sabemos a data precisa da sua instalação em Paris – a meados do século –, pois, até 1850, editou em *língua portuguesa* pelo menos 50 títulos⁹, sendo a década de máximo esplendor a de 1836–1847, com 25 títulos¹⁰. Por diversos motivos, dele se aproximam os exilados, como Garrett: à procura de trabalho, à procura de editor. Desenvolveu intensa actividade na promoção de edições em língua portuguesa, destinadas ao mercado nacional e ao do Brasil, que começava a ter interesse comercial acrescido.

Foi assim que, nesta lógica, ali entrou “em pleno”. Cerca de 1827–1828, associado a Hector Bossange – que envia como representante Eduardo Von Laemmert. Para essa filial no Rio de Janeiro, Aillaud contrata também um delegado de nome Souza, e inaugura um novo estabelecimento, sob a razão comercial de livraria Souza Laemmert &

C.¹¹, “vendedores de obras francesas modernas de filosofia, administração, artes, ciências, poesias”. Este contrato social esteve vigente até 1833. Nessa altura, Laemmert decide permanecer naquele país, atraindo para os negócios o irmão Henrique, a fim de formarem nova sociedade. Formalmente, esta tem início em 1838, com a designação E.&H. Laemmert, “mercadores de livros e de música”. Mais tarde, fundaram a grande *Typographia Universal* de E.&H.Laemmert, na Rua dos Inválidos, com oficinas e armazéns expressamente construídos para esse fim¹², tornando-se num dos estabelecimentos do ramo mais notáveis do Brasil.

Alguns traços do itinerário de Garrett¹³

Gomes de Amorim,¹⁴ no seu estudo exaustivo sobre a figura do amigo, continua a ser um inesgotável repositório de factos – dos mais salientes às minudências do dia-a-dia – da existência atribulada e rica de incidências do primeiro romântico português. Não foi ele, também, o autor que beneficiou das notas autobiográficas manuscritas que o escritor depositou nas suas mãos de amigo, que deles fez um uso metuculoso e reverencial? Mas não nos importa agora entrar em grande pormenor nos dias cinzentos e incertos que, por duas vezes, passou em “*Terra, mas terra estranha, de exílio*”.¹⁵ Anos longos e penosos onde lutou pela sobrevivência material, para não deixar empalidecer a *musa* que mais lhe interessava e fazia reagir na espera indissociável do regresso à Pátria – destino político que o invadia desde moço–, e a vertigem da publicação das suas produções literárias, em cuja absoluta *novidade*, acima de tudo, crê. Noutro trabalho¹⁶, recordei a feliz expressão de Maria de Lourdes Lima dos Santos – “as penas de viver da pena”¹⁷– para sintetizar as vias que percorreram os nossos intelectuais da primeira metade de Oitocentos para darem à estampa os seus escritos. A esse destino não escaparam aqueles cuja notoriedade política e social se forjaria até impô-los como referência de lutas, polémicas, exílios e/ou cargos públicos. Consoante os ventos políticos alternantes, desde os alvares do primeiro Liberalismo ao fim da guerra civil; durante o Cabralismo e, na oposição relativa a este, no advento da Regeneração¹⁸.

A *biografia* de J. B. Leitão de Almeida Garrett é também um percurso ilustrativo desses múltiplos avatares, pelos mesmos caminhos...

Recordem-se, brevemente¹⁹, os principais lances dessa fortuna fugidia de viver da escrita. Na primeira emigração, dirige-se a Inglaterra, onde é muito bem recebido por amigos, esperando que o governo inglês auxiliasse os emigrados portugueses, até que, perdida tal esperança, decide ganhar honradamente a vida. Pedira aos amigos portugueses ali residentes que lhe arranjassem alguma ocupação que “não repugnasse à sua educação e talentos”. No fim de Janeiro de 1824, parte para Londres nesse intuito. Ali, Freire Marreco, goradas várias hipóteses, continuou à procura de algo em Londres. Em Fevereiro, propõe-lhe que pense antes em França, pois aí tinha ligações com o gerente no Havre, da filial da Casa bancária Laffitte, para onde poderia recomendá-lo. No princípio de Março, Garrett é admitido a trabalhar naquele estabelecimento, para fazer a correspondência portuguesa e brasileira do mesmo, “dando os dias ao seu trabalho de

escritório, e as noites às suas criações literárias”²⁰. No Havre iniciou o poema *Camões*, “para ocupar e distrair o atribulado espírito, que em tanto desterro e solidão, e tão afadigada vida, não sei eu como ainda são o conservo”, desabafa. Isso mesmo lhe recomendara Marreco: que não deixasse nunca de empregar no cultivo das letras as poderosas faculdades com que Deus o tinha dotado... e quando tivesse algum “livro capaz de engrandecer o nome português” e lhe faltassem os meios para publicá-lo, recorresse a ele. Conselhos e amigos que estarão sempre presentes no espírito do escritor: deles se socorrerá, ao longo deste tempo, e das muitas necessidades materiais por que passa.

Antes de concluir a obra, escreve a Duarte Leça (27 de Julho de 1824) – também residente em Londres –, uma carta que tem sido frequentemente citada, pela riqueza de informação que encerra a muitos níveis. Teremos também que respigar alguns parágrafos elucidativos do estado de espírito deste “escriturário” por obrigação de subsistencial Anuncia-lhe *Camões*, a obra que o tem ocupado, “cuja matéria nacional e popular espero que lhe dê saída”. E, antes mesmo de, com pormenor, continuar a descrição da mesma, afirma: “Já tenho subscritores em Portugal e aqui, desejara obtê-los em Inglaterra: ao senhor e aos outros amigos vou pedir que se interessem em os diligenciar: e parece-me que posso confiar pelo menos em alguns.” Extraordinário *poder dos sonhos*, poderemos dizer! A carta prossegue, enumerando as ajudas que espera ter daqueles amigos, para revisões de lacunas em certas matérias, porque lhe faltam livros que seriam auxílio, especialmente para as notas e ilustrações ainda por acabar. Não podemos deixar de transcrever, na íntegra:

“Todavia a obra pode entrar na imprensa logo, logo, apenas haja uma subscrição que me assegure a – não perda – e que haja com que suprir as despesas dela o que me não permitem as minhas *circunscritas circunstâncias*. Já tomei informações e daqui o posso com facilidade fazer em Paris – daqui o poderei depois mandar para todos os portos do Brasil, onde (se o amor próprio me não ilude) cuido que terei certa e útil venda. Se faço fortuna, e encontro quem me dê a mão – talvez esta coisita me ajude a levantar um tanto da lama.”²¹

Concluída a obra, em Agosto envia-a a Freire Marreco, a quem a dedica. Acompanha-a de uma missiva que, em parte, servirá de prefácio à primeira edição do poema. Mas houve mal-entendidos com o amigo, que o fazem sofrer e recorrer a Duarte Leça para que tente perceber e explicar-lhe...²²

Entretanto é despedido da Casa Laffite, não se percebem bem as razões, quase no fim do ano. Comunica o facto a Marreco, pedindo-lhe conselho, mas não obtendo resposta imediata, partiu para Paris em Janeiro de 1825, para tentar fortuna e publicar o *Camões*. Não encontrou editor que arriscasse tal edição, nem mesmo com a condição de a pagar em exemplares. Finalmente, com o favor de uma livraria que se prestou a figurar como editora, a obra saiu em Fevereiro. Mas não tem ilusões. Apenas imprimiu a obra regressa ao Havre onde a mulher permanecia. Escreve, então, a Duarte Leça: “Pude miraculosamente arranjar o meu negocio, e por ora não tenho mais que temer dos terríveis receios que me agitaram (...).²³ Nada pude fazer em Paris, nada: “*terra de egoístas nacionais e estrangeiros*”²⁴. É readmitido na Casa Laffite, por indirecta influência dos mes-

mos amigos: Marreco envia-lhe o dinheiro necessário para pagar certas dívidas – entre elas as da impressão de *Camões* – e consegue-lhe o reingresso no antigo emprego.²⁴

Porém, de modo efémero: em princípios de 1826, novo “desarranjo” fá-lo sair definitivamente. Por essa razão, a mulher regressa a Lisboa para tentar nova amnistia para o marido. Desempregado, Garrett dirige-se a Paris, onde publica *D. Branca* (1826), segundo Amorim “pela reputação de Garrett, pelo seu poema *Camões*, que lhe permitia finalmente achar editor num país estrangeiro”²⁵. Tratava-se de J.P. Aillaud, e a edição trazia no rosto a indicação de “obra póstuma de F. E.”, levando a crer tratar-se de obra de Filinto Elísio...

Recomeçou as tentativas de encontrar emprego em Paris e, sem mais explicações, Amorim informa que “empreendendo o livreiro Aillaud, seu editor, publicar uma colecção de excertos dos nossos melhores poetas, encarrega Garrett de a dirigir, fazendo a escolha dos trechos que deviam compô-la. Intitulou-se *Parnaso Lusitano* essa colecção, que é assaz conhecida.”²⁶ Tal participação, porém, reduziu-a Garrett ao “resumo de história da língua e da poesia portuguesa”, pois de todo enjeitou a edição “que publicou o Senhor Aillaud, livreiro em Paris”, com dureza inusitada, em cartas e em diversas obras posteriores: “(...) não só a escolha das peças, mas até a ordem e sistema me transtornaram, e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridículas e até malcriadas algumas”²⁷. Explicará que, ausentando-se de Paris antes de terminar a impressão do primeiro volume, “um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para rever as provas, tomou a liberdade de alterar tudo (...) Repito esta declaração para que não me atribuam as grossas tolices” etc²⁸.

Com a morte de D. João VI, consegue a amnistia desejada, mas em Março regressa a Portugal, ao abrigo da antiga Carta Constitucional, entre os últimos “emigrados”²⁹ e reocupa o lugar na Secretaria do Reino. Regresso fugaz. Com a ascensão de D. Miguel, rei absoluto (1828), parte para segundo exílio, pior que o primeiro... Da vida atribulada desses longos anos de actividade política temos ecos noutros lugares.

Em 1835, presente no “Setembrismo”, envolvido na actividade diplomática no exterior, está de novo em Portugal, com uma curta licença. Nessa época, recebe a Ordem de Cristo. Em Maio, regressa à Bélgica para onde fora nomeado Encarregado de Negócios e, a par das dificuldades económicas, surgem os crónicos problemas de saúde que o levam a procurar tratamento em Paris, entre Outubro e Novembro; também com *outro* intuito. Amorim descreve, à sua maneira:

“A penúria de meios, com que lutava e o desejo de ver uma edição geral das suas obras³⁰, levam-no a propor nesse tempo a J. P. Aillaud que lhe fizesse a edição delas. Aquele editor convinha, oferecendo-lhe 30 francos por folha de impressão, *in-18 de grand raisin*, a 27 linhas.” “Houve troca de correspondências; e depreende-se das cartas de Aillaud que não puderam chegar a acordo, apesar dos bons desejos que manifestava o livreiro parisiense.”³¹

Dessa troca de impressões – com *ausência* escrita de Garrett – temos um nítido reflexo no conjunto que apresentamos a seguir. Não podemos *ler* Garrett, mas podemos *intuí-lo* do tom das cartas que lhe dirige J. P. Aillaud, em resposta às suas propostas, claro revelador da parceria que existira noutros tempos...

As cartas de Aillaud para Garrett, 1835-1837³²

Contrariamente ao exposto no estudo *Relações de Garrett com os Bertrand: cartas inéditas (1834–1853)*³³, a propósito do epistolário do escritor, temos entre mãos um pequeníssimo conjunto de missivas – citado de modo parcial – das relações de “outro” editor com o escritor, em anos não muito diversos, que pode fornecer mais algumas pistas de investigação sobre o complexo entretecer das negociações entre editores e escritores³⁴.

CARTA 1³⁵

Monsieur
Mons le Chevalier Garrett
Rue & Hotel Castiglione
a Paris

Paris le 14 Novembre 1835

Monsieur Le Chevalier Garrett,
a Paris

Monsieur,

Ayant fait mes calculs et mes reflexions voici la proposition que j'ai l'honneur de vous faire.

Je ferais une edition de vos oeuvres poetiques completes, format in 18 sur papier grand raisin³⁶, le meme que celui de ma Colecção d'Epistolas Eroticas e Philosophicas³⁷ – devant contenir 27 lignes par page et treinte six pages a la feuille. Vous fairiez sur la copie tous les changements et alterations que vous desireriez, et je me chargerais de la correction typographique, qu'au besoin je pourrais vous envoyer a Bruxelles, si vous en sentez la necessité.

La collection devrait contenir tous les ouvrages edits et inedites tels qu'ils sont enumerés dans la liste que vous avez eu la bonté de me communiquer. Je presume que nous fairions ainsi environ 80 feuilles. Je puis Monsieur vous offrir pour vos droits d'auteur trente francs par feuille d'impression, et je tirerais 1.000 exemplaires et double main de page, et aurai la faculté de tirer 1.500 si je le juge convenable. Des ouvrages suivants – Camoes, D. Branca, Retrato de Venus - le payement sera fait par moi au fur et à mesure de l'impression de chaque volume.

En France et pour des livres français qu'on tire a un plus grand nombre les droits d'auteur sont plus elevés et en general pour de tres bons livres, peuvent etre evalues a 50 francs par feuille, mais les tirages se font à 2 mille et tres souvent a 3 mille. L'exigueté des tirages sont cause qu'il est impossible de payer le meme prix un petit tirage, qui revient toujours fort cher. Apres avoir bien calculé je me suis convaincu qu'il etait impossible d'aller au delá.

Si ma proposition recevait votre assentiment, Monsieur j’aurais encore besoin que vous me fournissiez des exemplaires enfin une copie, car je ne saurai ou les trouver.

Peut-etre aurions nous un succès plus fort que celui auquel je m’attends, et dans ce cas les conditions actuelles seraient les memes, por toutes les editions successives.

Par cette occasion, je vous fait remettre les volumes que vous avez laissé ici hier³⁸.

Veillez, Monsieur, agreer l’expression de toute ma consideration

J. P. Aillaud

[No verso da folha-envelope: “Resp^{da} 22 d^o”]

CARTA 2

Monsieur
Monsieur Le Chevalier Garrett
Chargé d’Affaires de Portugal
Bruxelles³⁹

Paris 1^o de Dezembro 1835

Illustrissimo Senhor J. B. D’Almeida Garrett

Há poucos dias tive o prazer de receber seu muito prezado favôr de 24 do passado, e sobre seu conteudo vou lançar-lhe aqui no papel as seguintes reflexoes⁴⁰.

Quando fiz a V. S.^a a offerta de 30 francos por folha em 18. de grand raisin, a 27 linhas, pela faculdade de reimprimir as suas obras completas, não me dessimulei, que esse preço era mui inferior ao merecimento das obras; mas eu fazia um calculo de editor, e não de homem de letras.

A comparação que V. S.^a me faz sobre preços de manuscriptos em França de 100 francos por folha não me parece poder applicar-se ao negocio em questão. Livros em lingua franceza são comprados por um publico de não só 32 milhões de habitantes francezes, mas alem disso pela Europa inteira, e por uma parte, das outras quatro partes do globo; mas um livro portuguez não sahe infelizmente do circulo de quatro milhões de portuguezes e brasileiros.

Em França tira-se um bom livro a 2.500 e 3.000 exemplares e se elle tem voga, em 3, 6 ou 9 mezes, ou enfim em um curto espaço de tempo esgotase a edição – um livro portuguez tira-se a 1.000 exemplares e estes durão annos e annos! Do Parnaso⁴¹ feito em 1827, apenas se tem vendido mil exemplares em 8 annos! portanto não comparêmos uma couza com a outra pois não há comparação. Vamos agora ao facto.

Diz-me V. S.^a que sabe que eu já paguei 100 francos por folha de 8^o original e 50 francos por traducções. Permita-me de o contradizer – está completamente enganado. Eu até hoje muito poucos livros francezes originaes publiquei – apenas 3 e esses os fiz de conta de metade com os authores, a quem não paguei um só franco de seus

manuscriptos, mas seus interesses se confundirão nas operações, e essas serão todas más a saber Louis Say Considerations⁴², Madrolle Degeneration de la France⁴³ et Brighton de Mr. Lagarde⁴⁴. Tudo o mais que tenho reimpresso foi do dominio publico.

Quanto a portuguezes só imprimi em original a obra de José Liberato⁴⁵, e essa foi de conta de metade com o autor que não tive pela sua parte até hoje senão 250 francos e tem mais outro tanto, o que fará couza de 25 francos por folha!

Tudo o resto tem sido traducções, e estas todas me tem custado 20 francos por folha; mesmo as traducções de Ricardo, Malthus e Godwin feitas pelo Constancio⁴⁶.

Concluo pois dizendo que apezar da exiguidade do preço eu me não resolveria a dar mais, pois sei o que hé a venda de livros portuguezes, e que esta não comportando senão uma venda limitadissima, e esta mesma muito lenta, não admite a possibilidade de pagar os direitos de author por um preço que se assemelhe ao que se paga em França.

Direi mais que a maior parte das obras tendo já sido publicadas, grande parte dos compradores se achão já providos delas. Pelo que diz respeito aos exemplares existentes nada posso dizer sem primeiro saber quaes sejam – quando o souber então poderei dizer alguma couza – porem devo dizer, que duvido me possam convir; seria talvez melhor tratar de os vender por junto em Portugal.

He quanto posso por hoje me lembrar dizer sobre este assumpto ficando sendo com muito particular estima

De Vossa Senhoria
attento venerador e muito obrigado
J. P. Aillaud

P.S.

Os livros da sua encomenda estão nas mãos dos encadernadores mas estes nada dão antes do anno que entra, em razão da S. Etiennes

[“Resp^a 2 de Jan^o 1846”]

CARTA 3

Monsieur
Monsieur Le Chevalier Garrett
à Londres
A la Legation de Portugal

Paris 16 de Abril 1836

Illustrissimo amigo e Senhor

Tive o gosto de recebêr em seu devido tempo a mui prezada carta de V. S.^a em data de 12 do passado, em a qual me avisava estar em vespas de partida para Londres⁴⁷,

e me fazia esperar que em breve me daria dali as suas ordens relativamente á expedição dos seu livros que há muito estão promptos.

Hontem me chegou finalmente o Cardinho com as suas obras, pele rousage, e achei ser exacto o seu contheudo com o que me anuncia na sua carta.

Porem V^a S.^a omitiu de me dizer qual fosse o preço de D. Branca. Quanto aos mais fixa V^a S.^a preços que seria impraticavel alcançar eu. Lembre-se que hum vol. em 12. não vale em França mais de 2 francos, 2 francos e meio e V^a S.^a fixa a Tragedia de Catão – 6 francos! Adozinda a 6 francos! João Minimo 6 francos! Portugal na Balança 7 francos! Da Educação – 10 francos!! Finalmente se quizer que eu venda estes livros tenha a bondade de fixar preços possíveis – mas não me deixe isso a meu arbitrio, pois não quero tomar isso sobre mim. Lembre-se que ao preço de V^a S.^a devo eu juntar a minha commissão de venda, que a isso devo juntar o preço da encadernação, e o livreiro de Lisboa ou Brasil deve ganhar sobre isso (couza de 40 a 50 por cento) sobre os preços de Paris, incluindo despesas de transportes, seguros, etc. e por quanto hade elle lá vender, Catão, Adozinda, etc. etc.

Queira pois ter a bondade de me responder sobre este ponto.

Pelo que respeita aos livros, tanto os que por ordem de V^a S.^a comprei e fiz encadernar, como os seus que já fiz encadernar elles estão todos promptos; vou remeter-lhe a factura hum destes dias.

Estimarei esteja completamente restabelecido e [...]

De Vossa Senhoria amigo affectuoso e venerador

J. P. Aillaud

[“Resp^a 25 Maio”]

CARTA 4

Monsieur
Monsieur Garret
Membre des Cortes ⁴⁸de
Portugal
à Lisbonne

Paris 3 de Junho 1837

Excelentíssimo Amigo e Senhor

Tenho demorado a dar resposta a sua muito prezada carta de 11 de Março, por ter estado muito atormentado com gotta, de que vou agora melhor; e muito esperançado de ficar inteiramente bom em poucos dias.

Aqui incluso remetto a V. Ex.^a o conhecimento de um dos seus bahus no qual fiz encaxotar os livros que aqui me deu para serem encadernados. Tudo vai bem acondicionado. Remetti-os a Batalha e já ahí os deve ter em seu poder.

Remetto aqui igualmente a conta das encadernações dos seus livros: dos outros que aqui lhe forneci em Novembro de 1835 e outras despesas no montante tudo a francos 292,55 e por baixo em dedução francos 194,25 producto de alguns exemplares das obras que me mandou, e que vendi, deixando um saldo em meu favor de francos 98,30 de que debitei em conta nova.

Espero vender os poucos exemplares que me restão ainda aqui e mais tarde se liquidará aquelle negocio.

Pelo que diz respeito aos outros livros que V^a Ex.^a me havia encarregado de lhe comprar, eis aqui o que se passa – desde principio de 1816 [*siz*] os recebi todos das mãos dos encadernadores, e estão promptos a lhe serem remetidos quando V^a Ex.^a me enviou contra-ordem para isso. Esperei muitos mezes ordem sua para lhos remetter, porem não a recebendo, e não sabendo mesmo quando ella viria, vendi parte delles, e todos os ingleses que eu tinha comprado expressamente, não podendo vêr-me livre delles, troquei-os contra outros, e finalmente vi-me livre de todos elles. Ora fiz isto por duas razões a 1.^a porque as encadernações hião perdendo o brilho da novidade, 2.^a porque, como levo ditto, não via termo, á demora, e 3.^a enfim porque o encadernador não tinha executado á risca as suas ordens, e temo ficasse descontente com as encadernações. Ora, eu estou por dias a partir para Portugal⁴⁹, e não me hé possível agora occupar-me d’isso.

Lá nos veremos, e então me poderá dar nova ordem alterada ou modificada como lhe parecêr, e depois tudo se fará. Espero então sêr mais feliz com o encadernadôr, e de certo o serei, pois temos agora aqui hum allemão que faz as meias encadernações admiravelmente.

Dezejo que goze de todos os bens, e que me acredite

De Vossa Excelência
muito attento venerador e amigo obrigado
J. P. Aillaud

[“Resp^a 22 d^o (Junho)”]

Notas

¹ Cfr. Manuela D. DOMINGOS – “Contratos e sociedades de um livreiro de Setecentos: João Baptista Reyceud”, in *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: BN, 2000, p.95–125, onde reproduzimos o contrato de sociedade celebrado entre ambos, em 24 de Janeiro de 1771; que dura até ao respectivo distrate, em 14 de Outubro de 1772.

² Cfr. J.P. LOUREIRO – *Livreiros e livrarias de Coimbra: do séc. XVI ao séc. XX*. Coimbra: [s. n.], 1954, p. 140–141 que se baseia nos dados do “privilégio de estrangeiro” que consegue obter e registar (18–Out^o– 1781).

³ Cfr. D. CURTO, M. D. DOMINGOS; D. FIGUEIREDO, P. GONÇALVES – *As gentes do livro: Lisboa, séc. XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007, p.361–362.

⁴ LOUREIRO, *loc.cit.*, p. 141.

⁵ IAN/TT–Min. Negócios Estrangeiros, liv. 553, fl.199 (Passaportes de Londres).

⁶ IAN/TT— Min. Negócios Estrangeiros, liv. 702 (Passaportes de Paris).

⁷ IAN/TT— Min. Negócios Estrangeiros, liv. 702 (Passaportes de Paris).

⁸ IAN/TT— Min. Negócios Estrangeiros, liv. 702 (Passaportes de Paris).

⁹ Cfr. Vítor RAMOS – *A edição de língua portuguesa em França (1800–1850)*. Paris: F. C. Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1972.

¹⁰ Dados obtidos a partir de GONÇALVES RODRIGUES – *A tradução em Portugal (1835–1850)*, vol. II. Lisboa: ICALP, 1992.

¹¹ Cfr. L. HALLEWELL – *O livro no Brasil. Sua História*. 2ª ed. S. Paulo: EDUSP, 2005 (especialmente §71, p. 233s), informação que devo a Aníbal Bragança, a quem novamente agradeço.

¹² Cfr. INNOCÊNCIO, IX, 164s.

¹³ Seguimos, sobretudo o texto–síntese de L. Costa DIAS – “Almeida Garrett: um roteiro bio–bibliográfico”, *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa, S. 3, nº4. Abril–Out 1999, p.11–30; e, ainda, o roteiro da Exposição, organizada nesse ano do centenário: *Garrett Político*. Lisboa: BN, 1999.

¹⁴ Francisco Gomes de AMORIM – *Garrett – Memórias Biográficas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881–1884, 3 vol.

¹⁵ Cfr. também os trabalhos – baseados em fontes inéditas policiais, conservadas nos Archives Nationales de France – que publicou há anos José F. da SILVA TERRA – “Les Exils de Garrett en France». *Bulletin des Etudes Portugaises*. Institut Français au Portugal. Nouvelle série. Tome 28º–29º, 1967–1968, p.163–211; e, ainda, do mesmo autor “Os Emigrados Liberais Portugueses em França”. *Arquivos do Centro Cultural*. F. Calouste Gulbenkian, Paris, 1983, p. 323–338 (sep.).

¹⁶ Manuela D. DOMINGOS – *Relações de Garrett com os Bertrand. Cartas inéditas: 1834–1853*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999, p.13.

¹⁷ Cfr. Maria de Lourdes Lima dos SANTOS – “As penas de viver da pena: o mercado social do livro no século XIX”, *Análise Social*, Lisboa, 3ª série, vol. XXI (86), 1985–2º, p. 187–227. ID: *Intelectuais portugueses da primeira metade de Oitocentos*, Lisboa, Ed. Presença, 1985 (*Vide Terceira Parte, Cap.2: “A organização do mercado literário”*, p.165–275, *maxime* “O livro” e “Aspectos da relação autor–editor”).

¹⁸ ID: “Os intelectuais portugueses no século XIX (do Vintismo à Regeneração)”, *Análise Social*, Lisboa, 3ª série, vol. XV (57), 1979–1º, p. 69–115.

¹⁹ Baseamo–nos em Gomes de AMORIM – *op. cit. passim*, e nas outras fontes referidas *supra*.

²⁰ AMORIM, I, 344.

²¹ *Ibid*, 346. Esta carta, com muitas outras que não terão chegado às mãos de Amorim, encontram–se editadas em GARRETT, J. B. L. Almeida – *Cartas íntimas*. Ed. revista e coordenada por Teófilo Braga. Lisboa: Empreza da História de Portugal (Obras completas de Garrett, 27), 1904. A carta anterior, *loc. cit.*, p.1–4.

²² Cfr. AMORIM, I, 359, *passim*. “... que pensou Marreco da oferta que lhe fiz? Julgar–se–á *comprometido*? Temerá que sirva de pretexto para eu lhe pedir alguma coisa? Porque não me terá ele respondido, dito sim ou não, e mandado o meu ms?”

²³ O que aconteceu teve directamente a ver com as autorizações legais para permanecer ali. De facto, sob pretexto de Garrett não se ter apresentado ao Cônsul de Portugal no Havre, Francisco Maria de Brito, Ministro de Portugal em França, recusou visar o seu passaporte apresentado pela Polícia. Aliás, Brito a quem Garrett directamente recorreu para arranjar emprego, embora liberal esclarecido, não via com bons olhos os homens da Revolução de 1820 e recebeu–o bastante mal (cfr. SILVA TERRA, *loc. cit.*, p.171–172).

²⁴ Cfr. SILVA TERRA, p. 173.

²⁵ AMORIM, I, 387.

²⁶ *idem*.

²⁷ Carta a Duarte Leça que serviu de prefácio a *Adozinda*, *apud* AMORIM, I, 388.

²⁸ AMORIM, I, 389.

²⁹ Cfr. L. Costa DIAS, *loc. cit.*, p.16.

³⁰ *Itálicos* nossos. Este desejo é corroborado pelos primeiros contactos que, no mesmo sentido, e nesse mesmo ano, já tivera com os Bertrand – carta de 15 de Janeiro 1834 (cf. DOMINGOS, *loc. cit.*, p.19 *passim*).

³¹ Este longo relato extraímos–lo, expressamente, de AMORIM, I, 166–168.

³² O conjunto das cartas encontra–se na Biblioteca da Universidade de Coimbra, referenciado em: Henrique de Campos Ferreira LIMA – *Inventário do Espólio Literário de Garrett*. Coimbra, 1946, p. 56 (nº 132: “Cartas de estrangeiros, 3”). É constituído por um conjunto de quatro missivas que renumeramos, cronologicamente.

Agradeço, mais uma vez, a Paula G. Gonçalves, colaboradora de todas as horas, a respectiva transcrição. Mantive-se a ortografia e a pontuação; desenvolveram-se as abreviaturas.

³³ Manuela D. DOMINGOS – *op. cit., supra*.

³⁴ A acrescentar a outras conhecidas de contemporâneos ou um pouco posteriores, como Herculano, Camilo, Eça de Queiroz, etc. com os seus editores (Vejam-se, por exemplo: Brito REBELO - “Em torno de Herculano”, *Arquivo Historico Portuguez*, Lisboa, vol. 8, n.º3-4 (Março–Abril), 1910, p.128-136; *Cartas de Camilo aos editores António Maria Pereira*, Pref. e comentários de Alexandre Cabral, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Lda, 1973. O caso de Eça com o editor Chardron e a editora que lhe sucedeu, Luga & Genelioux, é conhecido e, até próximo de nós, o complicado processo relativo aos direitos autorais entre a Lello e a família do escritor).

³⁵ Transcrevemos os textos dos endereçamentos destas cartas, pois têm a vantagem de desenhar bem a trajetória pessoal do escritor nestes anos – também atribulados!

³⁶ Designação de um tipo de papel de dimensões especialmente grandes: 50 x 64 cm.

³⁷ *Colleção d'Epistolas eroticas e philosophicas*. Paris: J. P. Aillaud, 1834. VIII, 80 p. 12°. – Contem: Pavorosa illusão da eternidade, por Bocage; A voz da razão, por J. A. de C.; Epistola de Heloise a Abeilard por Colardeau. (cfr. RAMOS, 251) Esta obra foi reeditada, anos depois, pela sociedade constituída pela Viúva J.P.Aillaud, Guillard, 1863, com as mesmas características formais.

³⁸ Prova directa do dia em que Garrett o contactou em Paris: 13 de Novembro de 1835.

³⁹ Entretanto, é substituído por novo ministro na Bélgica, *sem aviso prévio!*

⁴⁰ O tom de Aillaud muda notoriamente, relativamente à primeira carta; no entanto, tem o mérito de nos oferecer abundantíssima informação sobre as suas condições de trabalho: obras editadas, tiragens e escoamento de edições; traduções, originais e modalidades de pagamento aos autores...

⁴¹ Refere-se a: *Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. Paris: J. P. Aillaud, 1826–1827, 6 v. Sobre a edição e a participação de Garrett, cf. INOC., VI, 339 e, sobretudo, os azedos textos que este autor inseriu em *Tractado da Educação*. Londres, 1829, p. IV, nota, etc.

⁴² Trata-se da obra de: Louis–Auguste SAY– *Considérations sur l'industrie et la législation dous le rapport de leur influence sur la richesse des Etats, et examen critique des principaux ouvrages qui ont paru sur l' économie politique*. Paris: J. P. Aillaud: 1822. III, 414 p. in–8°.

⁴³ A obra é certamente: Antoine MADROLLE – *Tableau de la dégénération de la France, des moyens de sa grandeur et d'une reforme fondamentale dans la littérature, les lois et le gouvernement*. Paris: J. P. Aillaud, 1839. XXIII, 404 p. Talvez, neste caso o negócio não fosse tão mau “a prazo”, pois o editor fez 2ª edição em 1859.

⁴⁴ O autor era Auguste–Louis Charles, de LA GARDE–CHAMBONAS, conde de. *Brightton, scènes détachées d'un voyage en Angleterre*. Paris: J. P. Aillaud, 1834. 407 p. il.

⁴⁵ De José Liberato Freire de CARVALHO, só encontramos a referência da publicação da sua tradução de: *Or Annaes de Cornelio Tácito*. Paris: Casa de J. P. Aillaud, 1830, 2 v., (cfr. RAMOS, 162) que terá tido também uma edição em Londres. Mais curiosa, porém, é outra edição com o elucidativo pé de página: Paris: J. P. Aillaud; Rio de Janeiro: Souza–Laemmert, 1830, 2 v. Ou seja, a edição brasileira (destinada ao Brasil) é também da sua responsabilidade, em nome da sociedade que ali detém... INOC.IV, 419, apenas indica a tipografia que, aliás, parece trabalhar com frequência para este editor: Typ. de Casimir, e não refere nem o Brasil nem a edição de Londres. Foi através da consulta dos catálogos em linha da BN de Portugal e do Catálogo Colectivo das Bibliotecas de França que foi possível identificar o editor de *Ensaio histórico–politico sobre a constituição e governo do Reino de Portugal...*, que INOC, atribui à Typ. Casimir, 1830: a BN indica como editor Hector Bossange, 1830 (cfr. RAMOS, 173). Parece-nos que tudo “converge” para uma indirecta intervenção de Aillaud: a tipografia e o editor Bossange, unido àquele no Brasil, através dos seus representantes, Souza e E. Laemmert (Cfr. HALLEWELL, p. 198 e p.233)!

⁴⁶ Indicaremos, em conjunto, as três traduções de Francisco Solano CONSTÂNCIO: David RICARDO – *Des principes de l' économie politique, et d'impôt*. Paris: J. P. Aillaud, 1819, 2 v. (2ª ed. , 1835); MALTHUS – *Principes d' économie politique: considerées sur le rapport de leur application pratique*. Paris: J. P. Aillaud, 1820, 2 v.; William GOLDWIN– *Recherches sur la population et sur la faculté d' accroissement de l' espèce humaine*. Paris: J. P. Aillaud, 1821, 2 v.

⁴⁷ Depois do “episódio negro” de Bruxelas é nomeado para a Dinamarca, e logo demitido, sem sair da Bélgica, endividado pelas despesas de representação, sujeito a penhoras e vexames públicos (cfr. L.C. DIAS, *loc.cit.* p.21). Terá passado por Londres, antes de, em Junho, regressar a Portugal e rejeitar a nomeação de governador civil, etc. Com a adesão ao governo setembrista de Sá da Bandeira é incumbido finalmente do projecto de criação da Inspecção–Geral

dos Teatros, declinando diversos outros lugares. Recebe o grau de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada; conselheiro de Sua Majestade; finalmente torna-se Inspector Geral dos Teatros.

⁴⁸ Nomeado Plenipotenciário em Madrid, em Janeiro, não chega a desempenhar funções por ter sido eleito deputado pelo círculo de Braga, e tomado assento nas Cortes Constituintes no mesmo mês. (cf. L. C. DIAS, *idem*).

⁴⁹ De facto, J. P. Aillaud, estava a tratar do passaporte para tal viagem. As informações da Polícia oferecem-nos um “retrato” bastante completo que, pelo menos, nos permite fazer uma ideia muito aproximada do aspecto físico deste negociante e, também, da sua trajectória vital: “Negociante livreiro, natural de Portugal, de pais franceses; francês domiciliado em Paris; de 47 anos de idade, estatura 1,65 m; cabelos escuros; olhos *idem*; nariz mediano; boca *idem*, barba cerrada; queixo redondo; rosto oval, cor ordinária”, solicita e recebe passaporte passado em Paris (Prefeitura da Polícia de Paris, 29 de Junho de 1837), para ir a Lisboa por Inglaterra. — IAN/TT, Min. Negócios Estrangeiros, liv. 703 (Passaportes de Paris).

Fontes manuscritas

IAN/TT, Lisboa

Min. Negócios Estrangeiros, liv. 553 (Passaportes de Londres).

Min. Negócios Estrangeiros, liv. 702, liv. 703 (Passaportes de Paris).

Bguc, Coimbra

Espólio Literário de Garrett – n.º 132 (“Cartas de estrangeiros, 3”)

Bibliografia

- AMORIM, Francisco Gomes de. *Garrett—Memórias Biográficas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-1884, 3 v.
- Cartas de Camilo aos editores António Maria Pereira*, Pref. e comentários de Alexandre Cabral. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Lda, 1973.
- CURTO, D. Ramada; DOMINGOS, M. D.; FIGUEIREDO, D.; GONÇALVES, P. *As gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.
- DIAS, L. Costa “Almeida Garrett: um roteiro bio-bibliográfico”, *Leiturus*, Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa, S. 3, n.º 4, Abril–Out 1999, p.11–30.
- DOMINGOS, Manuela D. *Relações de Garrett com os Bertrand. Cartas inéditas: 1834–1853*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.
- _____. “Contratos e sociedades de um livreiro de Setecentos: João Baptista Reyceud”, in *Livros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, p. 97–125.
- GARRETT, J. B. L. Almeida. *Cartas íntimas*. Ed. revista e coordenada por Teófilo Braga. Lisboa: Empreza da História de Portugal (Obras completas de Garrett, 27), 1904.
- Garrett Político. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil. Sua História*. 2.ª ed. S. Paulo: EDUSP, 2005.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira. *Inventário do Espólio Literário de Garrett*. Coimbra, 1946.
- LOUREIRO, José Pinto. *Livros e livrarias de Coimbra: do século XVI ao século XX*. Coimbra: [s. n.], 1954.
- RAMOS, Vítor. *A edição de língua portuguesa em França (1800–1850)*. Paris: F. C. Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1972.
- REBELO, Brito. “Em torno de Herculano”, *Arquivo Histórico Português*, Lisboa, 1910, v. 8, n.º 3-4 (Março–Abril), 1910.
- RODRIGUES, Gonçalves. *A tradução em Portugal (1835–1850)*, vol. II. Lisboa: ICALP, 1992.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. “Os intelectuais portugueses no século XIX (do Vintismo à Regeneração)”, *Análise Social*, Lisboa, 3.ª série, vol. XV (57), 1979-1.º, p. 69-115.
- _____. “As penas de viver da pena: o mercado social do livro no século XIX”, *Análise Social*, Lisboa, 3.ª série, vol. XXI (86), 1985-2.º, p. 187-227.
- _____. *Intelectuais portugueses da primeira metade de Oitocentos*, Lisboa, Ed. Presença, 1985.
- TERRA, José F. da Silva. “Les Exils de Garrett en France”. *Bulletin des Etudes Portugaises*. Institut Français au Portugal. Nouvelle série. Tome 28–29, 1967–1968, p. 163–211.
- _____. “Os Emigrados Liberais Portugueses em França”. *Arquivos do Centro Cultural*. F. Calouste Gulbenkian, Paris, 1983, p. 323–338 (sep.).